

INTERAÇÃO CRIANÇA-CRIANÇA: RESSURGIMENTO DE UMA ÁREA DE PESQUISA E SUAS PERSPECTIVAS

ANA MARIA A. CARVALHO
KATHARINA E. ARNOLD BERALDO
do Instituto de Psicologia/USP

RESUMO

Reflete-se, neste trabalho, a respeito do ressurgimento, nas últimas duas décadas, do interesse pelo estudo da interação criança-criança, e de suas conseqüências nas concepções sobre a criança e sobre o processo de desenvolvimento. São apresentadas algumas evidências no sentido de caracterizar o fenômeno interação criança-criança de acordo com a nova compreensão que a pesquisa recente vem oferecendo sobre sua natureza e seu significado funcional.

SUMMARY

This paper discusses the renewal of interest in the study of child-child interaction in the last two decades, and its consequences on conceptions about childhood and development. Some evidence is presented in order to describe child-child interaction in line with the new understanding which recent research is offering about its nature and functional meaning.

The world is full of obvious things which nobody by any ever observes

Sherlock Holmes.

Em qualquer sociedade humana, em algum momento ao longo dos primeiros anos da vida, o mundo social da criança passa a incluir o contato com outras crianças. A forma e a intensidade desse contato variam de acordo com os arranjos de criação característicos de cada grupo social: desde a convivência precoce com irmãos e primos de várias idades na família extensa, ou com o grupo de vizinhança nas pequenas comunidades, até o contato intensivo com crianças da mesma idade que caracteriza a organização da maior parte das instituições de atendimento pré-escolar nos núcleos urbanos desenvolvidos.

Na maior parte das sociedades humanas — e, possivelmente, da história humana — o contato com outras crianças constitui a experiência social mais freqüente e intensa a partir da primeira infância. Segundo a revisão de Weisner e Gallimore (1977) em uma amostra de 186 sociedades, as crianças passam a maior parte do tempo com outras crianças — de ambos os sexos, e de várias idades — em quase 80% dos casos para os quais a informação era disponível. No entanto, como apontam esses autores, a pesquisa sobre socialização raramente levou esse fato em consideração: “examinou-se a socialização em famílias nucleares relativamente pequenas, excluindo-se outros padrões que são característicos de muitos grupos sociais e culturais. Se o estudo acadêmico da socialização tivesse sido empreendido mais efetivamente há 75 ou 100 anos atrás, quando arranjos familiares alternativos eram mais comuns no mundo ocidental, o papel de (outros parceiros) certamente teria sido menos negligenciado” (Weisner e Gallimore, 1977, p.169).

Esse tipo de constatação passa a ser encontrado na literatura a partir do final da década de 70, à medida que os pesquisadores tomam consciência de que o estudo da outra criança como parceiro social na infância está ressurgindo depois de um hiato de quase 40 anos.¹ Em 1983, Hartup afirma que, “embora os ventos da mudança já fossem detectáveis quando a 3.ª edição do *Carmichael's Manual of Child Psychology* estava sendo preparada em 1969, ninguém poderia ter antecipado o surto de interesse (nas relações entre crianças) que veio marcar os anos 70... De fato, o registro desta década é assombroso, considerando-se o baixo nível de atividade que caracterizava a pesquisa nesta área (naquela ocasião)” (Hartup, 1983, p.106).

Numa análise extremamente clara e sucinta desse fenômeno, Camaioni (1980) aponta duas ordens de fatores interdependentes: por um lado, a prevalência, a partir dos anos 30, de teorias psicológicas que privilegiavam a interação com o adulto (e especialmente com a mãe) como experiência fundamental para o desenvolvimento da criança; por outro, em decorrência da urbanização crescente, a tendência à nuclearização da família, que conduz, em sua primeira fase, a uma redução na oportunidade de convivên-

cia da criança com outras crianças e à intensificação do contato com adultos, pelo menos nos primeiros anos de vida. “A riqueza e a variedade de relações possíveis no interior da família extensa são substituídas pela unidirecionalidade das relações com os pais... Na família patriarcal a criança pode, desde o nascimento, interagir de modo natural e espontâneo com outras crianças, seja de sua idade ou de idades diferentes, e estabelecer com elas relações duradouras e intensas(...), mesmo sua relação com os adultos é mediada por crianças maiores(...). Nessa situação, seria difícil sustentar que a relação com o adulto é o modelo de todas as relações sociais que a criança virá a construir(...). A limitação do mundo social da criança nos primeiros anos de vida à interação ‘privilegiada’ com adultos é, portanto, a base sobre a qual se construiu o estereótipo corrente, segundo o qual a criança é um ser pouco disponível ou motivado para a interação com os outros, e que vai ser guiado e quase modelado pelo adulto para se tornar um ser social” (p.10).

De onde vêm os “ventos da mudança”? Novamente, fatores sociais externos à Psicologia se entrelaçam com os produzidos pelos desenvolvimentos da pesquisa na área. Nos centros urbanos, a participação crescente da mulher no mercado de trabalho impõe a necessidade de soluções para o cuidado das crianças pequenas, pelo qual a família nuclear se vê impossibilitada de se responsabilizar integralmente; a resposta é a criação institucional ou comunitária das crianças, que resulta numa retomada da situação de convivência intensa entre crianças desde idades cada vez mais precoces. Esta nova situação se reflete nos interesses e concepções dos pesquisadores: uma série de pesquisas, em parte com primatas e em parte com crianças, começa a focalizar a interação entre coetâneos e a evidenciar seu papel no desenvolvimento. Embora o conhecimento produzido nestas últimas duas décadas ainda possa ser considerado fragmentário e incompleto, uma consequência fundamental pode ser claramente identificada: ele está contribuindo para mudar nossas concepções sobre o que é uma criança, o que é desenvolvimento, e que condições podemos ou devemos oferecer para ambos.

CRIANÇA: O QUE ERA E O QUE É

Entre os pressupostos que guiaram as pesquisas sobre a infância até um passado recente, Thoman (1979) aponta dois que parecem particularmente relevantes para esta discussão: o “mito da criança incompetente” e o “mito do futurismo”.

O mito da incompetência infantil pode ser resumido na idéia de que a criança — especialmente o bebê recém-nascido — é um organismo incompleto,

¹ Uma revisão das origens do interesse pelo estudo das relações entre crianças, a partir do final do século e até a década de 30, foi considerada excessivamente ambiciosa para o âmbito deste trabalho. Remete-se o leitor interessado a Hartup (1983).

relativamente incompetente e inadequado, que, através de uma série de progressões mais ou menos lineares, vai se tornar um organismo complexo, completo e competente — isto é, um adulto. Este ponto de vista, diz Thoman (1979, p.446), “é uma herança lógica e emocional da noção, supostamente já descartada, de que a criança é um adulto em miniatura, uma *tabula rasa*, impotente e passiva, que depende de um *caretaker*,² adulto que lhe ofereça modelos para imitação e estímulos para aprender modos adultos de pensar e de se comportar”. Intimamente ligada a essa concepção (porque, como ela, também decorre de uma visão “adultocêntrica” da criança) está a noção de que a infância é, essencialmente, um período de promessa: seu significado principal reside naquilo que ela virá a ser. Esse modo “futurista” de encarar a infância e o processo de desenvolvimento se reflete na enorme quantidade de estudos que procuram relacionar aspectos do comportamento na infância com seus desdobramentos posteriores, ou com suas supostas “conseqüências” na vida adulta. Pelas próprias características desses estudos, freqüentemente correlacionais e transversais, tende-se a perder de vista a preocupação com o processo do desenvolvimento, e a enfatizar a preocupação com previsão e manipulação de seus resultados. “Ainda hoje há muito mais interesse em prever e acelerar o desenvolvimento do que em compreendê-lo” (Thoman, 1979, p.449).

Não é difícil vislumbrar as relações entre essa concepção da infância e a ausência de percepção do papel potencial da interação entre crianças no desenvolvimento: tanto o mito da incompetência como o do futurismo levam a priorizar o adulto como guia e modelador desse processo. O que pode a outra criança, igualmente incompetente, oferecer ao parceiro? Esse tipo de preconceito foi reforçado por estudos que evidenciaram, por exemplo, um desenvolvimento mais lento da linguagem em crianças criadas predominantemente em contato com outras crianças, em contraste com crianças que têm contato quase exclusivo com adultos (Camaioni, 1980). Aos pesquisadores dominados por uma concepção futurista de desenvolvimento não ocorre relativizar esses resultados com um “e daí?”, uma vez que, nessa concepção, a precocidade é um valor em si.

A concepção de infância que vem emergindo ao longo das últimas décadas envolve um questionamento profundo desses pressupostos. Cada vez mais, percebe-se a criança como um ser organizado e competente, finamente adaptado às exigências de cada fase de sua vida. Essa visão só é possível quando se deixa de buscar o significado dos comportamentos e características da criança em suas implicações para a vida adulta, e se passa a considerá-los como parte de um sistema adaptado às necessidades de cada fase (Thoman, 1979; Carvalho, 1987).³

O interesse pela interação criança-criança foi retardado ainda por um outro fator (Camaioni, 1980): as supostas evidências de ausência de interesse e competência social na criança pequena. Essas evidências, obtidas freqüentemente em situações restri-

tas e artificiais — por exemplo, reunião de crianças mutuamente desconhecidas numa situação controlada de observação — começam a ser questionadas e reinterpretadas à medida que se avolumam os resultados discrepantes obtidos, tanto em primatas não-humanos como em crianças, em ambientes menos artificiais e/ou em estudos guiados por hipóteses mais adequadas aos fenômenos em estudo (Camaioni, 1980).

Em decorrência desses desenvolvimentos, emerge, no lugar da criança “egoísta”, orientada para si mesma e para objetos, desinteressada e incapaz de contato com o outro, a imagem “de um ser fundamentalmente não-agressivo e disposto ao contato social, que prefere a interação com outras crianças à interação com adultos, e que desenvolve relações prolongadas e significativas com seus coetâneos” (Camaioni, 1980, p.14). É essa a criança que procuraremos retratar, no processo de interação com outras crianças, e tal como se apresenta a partir do estado atual de desenvolvimento desta área de pesquisa.

A NATUREZA DO FENÔMENO “INTERAÇÃO CRIANÇA-CRIANÇA”

Um primeiro aspecto que chama a atenção na revisão dos estudos desta área é a evidência de que a interação com a outra criança é, desde muito cedo, uma atividade de *alta prioridade motivacional*, tanto em contraste com a interação com objetos como com a interação com adultos.

Bebês de 7 a 19 meses reagem positivamente à aproximação de uma criança estranha, enquanto apresentam as reações de ansiedade típicas dessa fase diante de adultos desconhecidos (Lewis e Brooks, 1974). A atração exercida pelo parceiro social pode ser evidenciada também pela análise da direção do olhar: crianças de 12 e 18 meses olham significativamente mais para outras crianças do que para adultos, inclusive a própria mãe (Lewis et al., 1975). Em crianças de 3 anos de idade, em situação de recreação livre em grupo, a ocorrência de olhar para outras crianças é duas vezes mais freqüente

2 *Caretaker*: o que cuida. Preferiu-se manter o termo no original, por não existir um correspondente preciso em língua portuguesa.

3 Essa mudança se expressa, por exemplo, na revalorização do *brincar*. Mas não, a nosso ver, numa revalorização superficial, ainda contaminada pelos pressupostos anteriores, que leva o adulto a se apropriar do brincar e transformá-lo em instrumento ou em atividade-meio. A verdadeira mudança se revela quando se passa a ver o brincar como atividade-fim; quando se compreende que a ludicidade é uma conquista evolucionária humana, que o espaço do brincar é o espaço da invenção, da criatividade, da liberdade (Bruner, 1976). O significado do brincar é muito mais do que sua contribuição para o desenvolvimento de habilidades e competências específicas, potencialmente úteis na vida adulta: é a própria ludicidade, uma característica básica e diferenciadora do ser humano em qualquer fase da vida, que se expressa e se exercita nele.

do que a de olhares dirigidos a objetos e a adultos; mesmo a criança entretida solitariamente com um objeto apresenta, tipicamente, um padrão de olhar que esquadrinha o ambiente social: a pequenos intervalos, o olhar se desvia do objeto ou atividade, e passeia pelas outras crianças, como que monitorando sua presença e suas atividades (Carvalho, no prelo). Duas (ou mais) crianças em interação constituem um foco ainda mais forte de atração da atenção da criança (Branco et al., 1988). Uma demonstração especialmente bonita da força da motivação social é oferecida por Werebe e Baudonnière (1988): colocada numa sala com uma dúade de "amigos", uma terceira criança "não-amiga" persiste em tentativas de se agrupar e participar da atividade interativa da dúade, embora seja repetidamente excluída ou desfavorecida nas brincadeiras pela dupla de amigos, e embora tenha brinquedos disponíveis com os quais poderia se ocupar solitariamente.

A atração exercida pela outra criança não parece ser redutível ao fato desta constituir uma parte especialmente interessante, móvel e imprevisível do ambiente — como que um brinquedo sempre renovado, mais capaz do que qualquer outro de despertar a motivação exploratória da criança. Há, ao contrário, diversas evidências de que o ser humano apresenta, desde o nascimento, um modo diferencial de se relacionar com o mundo dos objetos físicos e com o mundo social (Gouin-Décarie e Ricard, 1985). O olhar social, por exemplo, é curto e freqüente, enquanto o olhar dirigido a objetos é prolongado e mais eventual (Carvalho, no prelo). A outra criança não representa, portanto, apenas um objeto complexo.

Por outro lado, se se considerar o sistema apego-exploração (Rossetti-Ferreira, no prelo), a outra criança se situa mais tipicamente no pólo da exploração: a motivação lúdica é dominante na interação criança-criança, e os eventos que ativam o apego (por exemplo, situações que provocam dor, medo, ansiedade) em geral inibem — e não ativam — a interação criança-criança, redirecionando a criança para a figura de apego ou adulto substituído presente. A complexidade das relações entre essas motivações, no entanto, é evidenciada pelo fato de que, em certas circunstâncias, a outra criança também pode ser alvo das respostas de apego, e pode inclusive responder adequadamente, mesmo numa idade bastante precoce (Lordelo, 1987; Lordelo e Carvalho, no prelo).

Isso nos leva a um segundo aspecto de interesse, que é a *complexidade motivacional* do fenômeno interação criança-criança. Como em qualquer espécie social, também no ser humano o parceiro de espécie não é um estímulo univalente: ele tem uma diversidade de significados potenciais, capazes, portanto, de despertar motivações ou impulsos diferentes, e até conflitantes. Essa complexidade não é um fruto tardio de um longo processo de desenvolvimento social e emocional: ela se manifesta já na primeira infância, também na interação adulto-criança, mas talvez ainda mais nitidamente na interação criança-criança.

Uma motivação básica: ser/estar/fazer junto

Os estudos sobre imitação no terceiro ano de vida (Nadel e Baudonnière, 1981) destacam-se, entre outros trabalhos recentes sobre interação criança-criança, pela clareza e simplicidade com que evidenciam a motivação social da criança, e pela contribuição teórica que oferecem à compreensão do papel da interação no desenvolvimento. Imitar o outro aparece, nesses estudos, como uma atividade intrinsecamente motivada, e como uma forma de comunicação através de atos, numa fase em que a comunicação verbal é inexistente ou precária. Fica evidente, a partir de seus resultados, que os objetos e as atividades não são o alvo da atividade imitativa, mas sim meios de que a criança se utiliza para "fazer como — ou com — o outro" (tomando o objeto igual ao que ele porta, ou imitando suas ações), "estar como o outro" (imitando posturas e gestos), quicá "ser" como, ou com, o outro. Esses autores mostram, ainda, que, diferentemente de concepções anteriores, onde a imitação tendia a ser vista como uma forma "inferior" de interação que indicaria imaturidade ou submissão, nesta fase a imitação constitui uma espécie de jogo, em que os papéis de imitador e imitado são alternados entre parceiros, e portanto não sinalizam necessariamente relações de dominância; e que o convite para imitar, e o imitar, são estratégias freqüentes de início de interação. Resultados nesta mesma direção foram obtidos por Carvalho e Carvalho (no prelo).

Esta mesma motivação se revela no brinquedo cooperativo que passa progressivamente a prevalecer na interação entre crianças a partir do quarto e quinto anos de vida — por exemplo, no faz-de-conta em grupo, onde se observa uma ação consistente dos parceiros no sentido de coordenar as atividades individuais, através de regras e de distribuição de papéis, configurando a brincadeira como uma ação coletiva (Moraes, 1981; Carvalho, no prelo; Moraes e Carvalho, no prelo).

Uma motivação controversa: agressividade e dominância

O parceiro social não é apenas companheiro de atividade: pode representar também um rival ou um empecilho, e despertar motivações e atos agressivos, competitivos ou de disputa. O comportamento agressivo entre crianças tem sido extensivamente estudado — inclusive com freqüência provavelmente desproporcional a sua importância ou peso quantitativo no repertório total da criança. Hay e Rheingold (1983) sugerem que esse viés é dado pela tendência adulta a prestar mais atenção ao comportamento agressivo do que ao comportamento social positivo, em virtude do caráter conspicuo e eventualmente incômodo do primeiro. A preocupação com o comportamento agressivo da criança se reveste também, freqüentemente, de uma visão valorativa sobre essa modalidade de interação, que tende a ser aprioristi-

camente considerada como negativa ou indesejável, chegando a ser rotulada "comportamento anti-social".

Os estudos sobre interação criança-criança baseados numa perspectiva etológica (ver, por exemplo, Jones, 1972; Smith e Green, 1975; Strayer e Strayer, 1976; Smith e Connolly, 1980) ofereceram dois níveis importantes de contribuição à compreensão desta modalidade de interação entre crianças: de um lado, a distinção entre a luta de brincadeira, ou brincadeira turbulenta (*rough-and-tumble play*) e a agressão propriamente dita (Jones, 1967) como categorias referentes a estados motivacionais diferentes; de outro, a consideração do comportamento agressivo numa perspectiva funcional ou adaptativa, o que leva a abandonar o simplismo dos pressupostos valorativos, e a questionar a função da agressão na regulação da interação social, no desenvolvimento das relações interpessoais e na estruturação do grupo (Waal, 1986). Um outro resultado de interesse neste contexto refere-se ao papel da outra criança na regulação e controle do comportamento agressivo, em contraste com o papel tradicionalmente atribuído ao controle e intervenção do adulto (Smith e Green, 1975; Montaigner, 1978; Castro e Carvalho, 1981).

Uma motivação precoce: a "maternagem"

Além de potencialmente companheira e rival, a outra criança é capaz de evocar, mesmo em crianças bem pequenas, reações que mimetizam o comportamento adulto de cuidado e proteção. Esta modalidade de interação ainda é relativamente pouco estudada (Lordelo e Carvalho, no prelo); as evidências já disponíveis levantam uma série de questões de interesse, entre as quais podem-se destacar:

— a idade precoce em que a "maternagem" ocorre — pelo menos já a partir dos dois anos de idade — indica a presença na criança, desde muito cedo, de discriminação das características dos parceiros sociais, e de ajustamento de seu comportamento a essas características;

— a "maternagem" implica na presença precoce da capacidade de reconhecer e assumir a perspectiva do outro, e de reagir empaticamente;

— há maior probabilidade de ocorrência deste tipo de interação em relação a uma criança mais nova do que o emissor. Isto levanta a questão das implicações do contato entre crianças de idades diferentes, raramente considerada no planejamento e organização das instituições de atendimento pré-escolar. Diversos autores (Lordelo e Carvalho, no prelo) têm sugerido que a reduzida oportunidade de contato entre crianças de idades diferentes, que caracteriza as condições atuais de criação, implica na falta de experiência com certas modalidades de contato social (como a "maternagem"), cuja possível relevância para o desenvolvimento tem sido pouco considerada. Nas palavras de Konner (1976, p.123), "urge uma consideração das relações entre jovens não-coetâ-

neos como um sistema afetivo separado, com características e, talvez, importância funcional únicas. Urge procurar descobrir qual pode ser o custo, para nossas crianças, de os colocarmos tanto tempo com crianças precisamente da mesma idade".

As modalidades de interação exemplificadas acima evidenciam a presença, no sistema interacional criança-criança, da complexidade motivacional, das tendências e dos conflitos que caracterizam a sociabilidade humana. A pesquisa recente tem levado a reconhecer também, nesse sistema, outras especificidades precoces: a evolução típica da interação entre os sexos, passando por uma fase de marcada preferência por parceiros do mesmo sexo, vem sendo discutida em termos de seu papel na construção da identidade sexual (Kohlberg, 1966), um processo atribuído basicamente à interação adulto-criança nas visões mais tradicionais, tanto da Psicanálise quanto da teoria da aprendizagem. A tendência precoce à seletividade em relação a parceiros, e à formação de relações interindividuais estáveis, tem sido bastante reconhecida e estudada (Werebe e Baudonnière, 1988), mas é ainda pouco compreendida do ponto de vista de seu significado funcional.

Quando se considera o comportamento numa perspectiva funcional, no sentido biológico do termo, as evidências referidas acima praticamente forçam a hipótese de que a interação criança-criança é um sistema sócio-afetivo que tem um significado relevante no processo do desenvolvimento. De fato, a concepção da interação social como processo constitutivo do ser humano (Lemos, 1986), originalmente utilizada no estudo da interação adulto-criança, começa a ser aplicada à interação criança-criança com resultados provocantes e promissores. Reconhece-se, cada vez mais, a ocorrência, na interação criança-criança, de processos constitutivos da identidade, da capacidade simbólica, da comunicação (por exemplo, Musatti e Mantovani, 1983; Stambak e Verba, 1986; Musatti, 1986). Interagindo, as crianças criam e negociam regras (Moraes e Carvalho, no prelo; Carvalho, no prelo), assumem e atribuem papéis (Oliveira, 1988), elaboram códigos comunicativos e partilham significados e conhecimentos (Pedrosa, no prelo). Pode-se dizer que, na interação e nas relações entre si, as crianças exercem a capacidade humana de transmissão e criação de cultura, e, através dela, repetem e renovam o processo de constituição do ser humano como indivíduo e como membro de um grupo — um processo que, dada a natureza biologicamente social do ser humano (Carvalho, 1989), só é possível na, e pela, interação social.

A PESQUISA SOBRE INTERAÇÃO CRIANÇA-CRIANÇA NO BRASIL

Cabe acrescentar, aqui, breve nota sobre o interesse por essa pesquisa no Brasil. Desde sua implantação, no final da década de 70, a linha de pesquisa "Ontogênese do comportamento social na criança", do programa de pós-graduação do Departamento de

Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (PSE/IPUSP) orientou-se prioritariamente para o estudo da interação criança-criança. Os primeiros trabalhos, guiados por um enfoque psicoetológico, focalizaram diversas modalidades de interação criança-criança (ver, por exemplo, Castro e Carvalho, 1981; Moraes, 1981; Lordelo, 1985), e têm prosseguido investigando principalmente aspectos relacionados à ontogênese de relações interindividuais estáveis e ao desenvolvimento da comunicação. Com o ingresso, no corpo de orientadores do programa, de pesquisadores de outras instituições, esta linha de pesquisa ampliou-se, criando-se um intercâmbio entre diversas orientações teórico-metodológicas que vem se revelando extremamente produtivo. Sob a orientação de Maria Clotilde T. Rossetti-Ferreira, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto, vêm se desenvolvendo trabalhos

sobre interação criança-criança guiados pela perspectiva sócio-interacionista cognitivista (ver, por exemplo, Oliveira, 1988). Sob a orientação de Thereza P. Lemos de Mettel, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, a interação criança-criança é focalizada numa abordagem ecológica (Branco, 1989). Paralelamente, o ingresso de novos orientadores oriundos do programa do PSE/PUSP (Emma Otta, Vera S. R. Bussab) vem dando continuidade ao trabalho num enfoque psicoetológico iniciado por Ana M. A. Carvalho. Pesquisadores formados nesse programa começam, atualmente, a desenvolver linhas de pesquisa relacionadas ao mesmo tema em suas instituições de origem (Zilma M. R. Oliveira, na Faculdade de Educação da USP, Maria Isabel P. C. Pedrosa na Universidade Federal de Pernambuco). Finalmente, desde 1987, esse grupo tem mantido contato também com Vera M. R. Vasconcelos, da Universidade Federal Fluminense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANCO, A. U. A. et al. Fluxo de interações entre crianças numa situação de brinquedo em grupo. *Psicologia*, 14(1), 1988.
- BRUNER, J. S. Nature and uses of immaturity. In BRUNER, J. S. et al. (orgs.) *Play: its role in development and evolution*. Londres, Penguin Books, 1976.
- CAMAIONI, L. *L'interazione tra bambini*. Roma, Armando Armando, 1980.
- CARVALHO, A. M. A. Brincar juntos: natureza e função da interação entre crianças. In: ADES, C. (org.) *Etologia: de animais e de homens*. São Paulo, EDUSP/Edicon. [no prelo].
- . O estudo do desenvolvimento. *Psicologia*, 13(2): 1-13, 1987.
- . O lugar do biológico na psicologia: o ponto de vista da etologia. *Biotemas*, 2(2). 1989. [no prelo].
- CARVALHO, J. E. C. & CARVALHO, A. M. A. Estratégias de aproximação social em crianças de 2 a 6 anos. [no prelo].
- CASTRO, M. F. & CARVALHO, A. M. A. Incidentes agressivos na pré-escola. *Psicologia*, 7(2): 51-83, 1981.
- GOUIN-DÉCARIE, T. & RICARD, M. Le nourrisson face à un objet et à une personne: un problème de répertoire et d'enregistrement des comportements. In: BAUDONNIÈRE, P. M. (org.) *Étudier l'enfant de la naissance à 5 ans: les grands courants méthodologiques actuels*. Paris, CNRS, 1985.
- HARTUP, W. W. Peer relations. In: MUSSEN, P. *Handbook of child psychology*. 4.ed. New York, Wiley, 1983.
- HAY, D. F. & RHEINGOLD, H. L. The early appearance of some valued social behaviors. In: BRIDGEMAN, D. L. (org.) *The nature of pro-social development*. Orlando, Academic Press, 1983.
- JONES, N. B. (org.) *Ethological studies of child behaviour*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1972.
- . An ethological study of some aspects of social behaviour of children in nursery school. In: MORRIS, D. (org.) *Primate ethology*. Londres, Weidenfeld & Nicolson, 1967.
- KOHLBERG, L. A cognitive-developmental analysis of children's sex-role concepts and attitudes. In: MACCOBY, E. E. (org.) *The development of sex differences*. Stanford University Press, 1966.
- KONNER, M. Relations among infants and juveniles in comparative perspective. In: LEWIS, M. & ROSEMBLUM, L. A. (orgs.) *Friendship and peer relations*. New York, Willey, 1975.
- LEMONS, C. T. G. Interacionismo e aquisição de linguagem. *DELTA*, 2: 231-48, 1986.
- LEWIS, M. & BROOKS, J. Self, other and fear: infant's reactions to people. In: LEWIS, M. & ROSEMBLUM, L. A. (orgs.) *The origins of fear*. New York, Wiley, 1974.
- LEWIS, M. et al. The beginning of friendship. In: LEWIS, M. & ROSEMBLUM, L. A. (orgs.) *Friendship and peer relations*. New York, Wiley, 1975.
- LORDELO, E. R. *Comportamento de cuidado entre crianças*. São Paulo, 1985. Dissert. (mestr.) - IPUSP.
- LORDELO, E. R. & CARVALHO, A. M. A. Comportamento de cuidado entre crianças: uma revisão. *Psicologia, Teoria e pesquisa*. [no prelo].
- MONTAIGNER, H. *L'enfant et la communication*. Paris, Stock, 1978.
- MORAES, M. L. S. *O faz-de-conta e a realidade social da criança*. São Paulo, 1981. Dissert. (mestr.) - IPUSP.
- MORAES, M. L. S. & CARVALHO, A. M. A. *O real no faz-de-conta: regras, papéis e temas na brincadeira de crianças de 4 anos*. [no prelo].
- MUSATTI, T. Early peer relations: the perspectives of Piaget and Vygotsky. In: MUELLER, E. C. & COOPER, C. R. (orgs.) *Process and outcome in peer relationships*. New York, Academic Press, 1986.
- MUSATTI, T. & MANTOVANI, S. (orgs.) *Bambini al nido: gioco, comunicazione e rapporti affettivi*. Bergamo, Juvenilia, 1983.
- NADEL, J. & BAUDONNIÈRE, P. M. Imitação, modo preponderante de intercâmbio entre pares durante o 3.º ano de vida. *Cadernos de Pesquisa*, 39: 26-31, 1981.
- OLIVEIRA, Z. M. R. *Jogo de papéis: uma perspectiva para a análise do desenvolvimento humano*. São Paulo, 1988. Tese (doutor.) - IPUSP.
- PEDROSA, M. I. P. C. *Interação criança-criança: um lugar de construção do sujeito*. São Paulo, [no prelo]. Tese (doutor.) - IPUSP.
- ROSSETTI-FERREIRA, M. C. T. *Reflexões sobre o desenvolvimento da criança*. [no prelo].

- SMITH, P. K. & CONNOLLY, K. J. *The ecology of pre-school behaviour*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1980.
- SMITH, P. K. & GREEN, M. Aggressive behaviour in English nurseries and play-groups: sex differences and response of adults. *Child Development*, 46: 211-4, 1975.
- STAMBAK, M. & VERBA, M. Organization of social play among toddlers: an ecological approach. In: MUELLER, E. C. & COOPER, C. R. (orgs.) *Process and outcome in peer relationships*. New York, Academic Press, 1986.
- STRAYER, F. F. & STRAYER, J. An ethological analysis of social agonism and dominance relations among pre-school children. *Child Development*, 47, 980-9, 1976.
- THOMAN, E. Changing views of the being and becoming of infants. In ———. (org.) *Origins of the infant's social responsiveness*. New Jersey, Erlbaum, 1979.
- WAAL, F. B. M. The integration of dominance and social bonding in primates. *Quart. Rev. Biology*, 61(4): 459-76, 1986.
- WEISNER, T. S. & GALLIMORE, R. My brother's keeper: child and sibling caretaking. *Current Anthropology*, 18(2): 169-90, 1977.
- WEREBE, M. J. G. & BAUDONNIÈRE, P. M. Friendship among preschool children. *Int. J. Beh. Devel.* 11(3): 291-304, 1988.
-